A CASA TOMBADA
Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT/ A CASA TOMBADA

LAÍS CINTRA NASCIMENTO

NARRATIVAS DA INFÂNCIA:

O Transbordar de minha meninice em meu fazer como contadora de histórias.

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu **NARRAÇÃO ARTÍSTICA: CAMINHOS PARA CONTAR HISTÓRIAS EM CONTEXTO URBANO** apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em **NARRAÇÃO ARTÍSTICA**, sob orientação do Prof. Dr. Giuliano Tierno e da Profa. Ms. Leticia Liesenfeld Erdtmann, com co-orientação de Juliene Codognotto e Yohana Ciotti. Leitores convidados: Adriana Friedmann e Giba Pedroza.

São Paulo/SP
2023

Aos meus pais, que me presentearam com o milagre da VIDA. E a todas as pessoas que encontraram nas infâncias, um lugar precioso, para se brincar com o fio inteiro da vida.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Casa Tombada, lugar sagrado, potente de acolhimento, diálogo, vida, arte e educação.

Meu sincero agradecimento aos professores e coordenadores do curso, Giuliano Tierno e Letícia Liesenfeld por tornar o meu sonho realidade, já que sempre foi um grande desejo realizar o curso em Narração Artística. Agradeço por guiarem essa travessia de forma tão humana, profunda e rica em aprendizagem. Experiência que foi além dos livros, pois me fez encontrar comigo mesma, a minha história, e com o meu fazer como contadora de histórias

A todos os professores que estiveram conosco nessa jornada, em especial a Sandra Lessa, que proporcionou um mergulho profundo em minha ancestralidade. As queridas orientadoras, Juliene Codognotto e Yohana Ciotti que ampliaram meu olhar e desejo de pesquisa. Aos generosos leitores que tanto admiro, Adriana Friedmann e Giba Pedroza, que de forma tão genuína contribuíram com minha pesquisa e paixão pelas infâncias.

A toda minha família e meu esposo Renan, pelo encorajamento e incentivo constante. Aos amigos desse “comboio”, como carinhosamente nos apelidamos, por toda troca, escuta, apoio e aprendizado.

Enfim, agradeço a todos aqueles que de alguma maneira contribuíram para que eu pudesse conquistar a finalização do curso e escrever um novo capítulo em minha história.

Senhores desta sala
Licença eu vou chegando, eu vou
A voz e a rabeca
O coração cantando, eu vou

(Loa de abertura, de Antônio Nóbrega)

NARRATIVAS DA INFÂNCIA:

O Transbordar de minha meninice em meu fazer como contadora de histórias.

Laís Cintra[1]

RESUMO

A infância vai muito além de uma etapa da vida, é um estado da alma, um sentimento que nos permite usar o fio inteiro da vida. Ao tecer minha trajetória como artista da palavra e educadora da infância, esse sentimento sempre se revelou em forma de poesia, do corpo e da palavra como brinquedos. Assim, o presente trabalho tem a intenção de compartilhar como minhas memórias de infância reverberam em meu fazer artístico e na minha identidade como contadora de histórias. E nesse encontro profundo comigo, compartilho minhas lembranças de menina, textos autorais que escrevi em minha trajetória como artista, educadora, e no decorrer da pós-graduação, como o mito de origem, o pharmakon, poesias realizadas a partir dos encontros com Sandra Lessa, Giuliano Tierno e Letícia Liesenfeld. Além disso, proponho compartilhar meu olhar sobre a potência de ser criança, a relação que há com a figura do artista da palavra, bem como a narração de história, como uma forma que encontrei para brincar.

Palavras-Chave: infâncias, brincar, narração de histórias.

[1] Laís Cintra, pedagoga com especialização em Linguagens da Infância pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro, atriz pelo Senac SP, bailarina pela Royal Academy of Dance, educadora brincante pelo Instituto Brincante, e estudante do curso de pós-graduação em Narração Artística: Caminhos para contar histórias em contexto urbano, pela Casa Tombada. É contadora de histórias, professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de São Paulo e ministra oficinas sobre temas relacionados às linguagens da infância.

ABSTRACT

Childhood goes far beyond a stage of life, it is a state of the soul, a feeling that allows us to use the entire thread of life. When weaving my trajectory as a word artist and childhood educator, this feeling has always been revealed in the form of poetry, the body and the word as toys. Thus, the present work intends to share how my childhood memories reverberate in my artistic work and in my identity as a storyteller. And in this deep encounter with myself, I share my memories as a girl, authorial texts that I wrote in my trajectory as an artist, educator, and during postgraduate studies, such as the myth of origin, the pharmakon, poetry made from the meetings with Sandra Lessa , Giuliano Tierno and Letícia Liesenfeld. Furthermore, I propose to share my perspective on the power of being a child, the relationship that exists with the artist of the word, as well as storytelling, as a way I found to play.

Keywords: childhoods, play, storytelling.

Key-words: childhoods, play, storytelling.

SUMÁRIO

1 CHEGANÇA.....8

2 O ENCONTRO COM (MINHA) CRIANÇA.....14

3 O ENCONTRO COM (MINHA) INFÂNCIA.....18

4 O ENCONTRO COM A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS.....24

5 DESPEDIDA 35

REFERÊNCIAS.....37

APÊNDICE- DIÁRIO DE VIAGEM.....39

1. CHEGANÇA

“Minha sabiá, minha zabelê,
toda madrugada eu sonho com você.
Se você não acreditar,
eu vou sonhar pra você ver...”
(Canção de domínio público)

Assim minha mãe cantava, me embalando em seus braços, enquanto meu pai ria de felicidade, com a vinda da primeira filha, fruto desse amor. Minha mãe, Dona Marinalva, baiana, de Bonfim de Ipirá, a oitava filha de onze irmãos de Dona Margarida e Sr. Inácio. Meu pai, Sr. Geraldo, pernambucano, de Glória de Goitá, o quinto filho de dez irmãos de Dona Luiza e Sr. Manoel. E eu, Laís Cintra Nascimento, metade dos dois. Cintra herdei de minha mãe, levo comigo sua força, amor e empatia. Nascimento, herdei do meu pai, levo comigo sua quietude, coragem e lealdade.

“*Eita menina, que demorou pra nascer! Queria vir pro mundo não! Preguiçosa!!! Três dias sentindo dor... Dei à luz às 8h45 da manhã de uma terça-feira, no dia 31 de janeiro de 1989. Uma dor tremenda, mas que a gente nem lembra...pois vai embora a dor e fica o amor!”* O amor, transborda na voz doce da minha mãe, que fez da dor sua companheira, para dar vida aos olhos de sua menina.

Deste modo vim ao mundo, trazendo a sabedoria de minha mãe, e antes dela de minha avó, mulheres que sempre transformaram suas dores nas mais belas canções”. Versos e melodias que minha mãe entoava, ninava meu sono e de meu irmão, que tempos depois nasceu. Minha mãe, porta voz de muitas mulheres que vieram antes dela. Lembro de suas histórias de seu tempo de criança, nos ensinava suas brincadeiras favoritas, 5 marias, amarelinha, brincar de comidinha, bonecas que surgiam de espigas de milho, cascas de melancia... Roda de versos, cantos de trabalho, parlendas de sua meninice, como *“Lagarta pintada quem foi que te pintou, foi uma velhinha que aqui passou, no tempo de areia levanta poeira, pega essa menina pela ponta da orelha...”* Assim, minha mãe pegava em minha orelha, me guiava para o mundo a descobrir e tudo que poderia alcançar. Mostrava-me, mesmo tendo estudado muito pouco, que a

educação é o que há de mais valioso e ninguém te tira! Que eu poderia viver um sonho sendo artista! Que eu poderia fazer a diferença sendo professora! Que a infância é um baú de tesouros que levamos por toda nossa vida! E que essas lembranças estão presentes em tudo que sou e estou! Em tudo que faço!

Por isso, meu corpo é marcado de memórias de minha meninice, do olhar encantado para extraordinário das coisas simples da vida e povoado de histórias que fazem despertar a menina infância que há em mim.

Logo, com o presente trabalho pretendo compartilhar minhas memórias de menina, que sentiu no corpo a importância de brincar, de sonhar e imaginar, e como isso me constituiu na brincante que sou hoje, na artista da palavra que considera a narração de história uma forma de brincar. Assim, com a pesquisa gostaria de refletir: como as narrativas da minha infância atravessam o meu trabalho como contadora de histórias?

ACORDA MENINA,

Acorda menina! Vem sentir o cheiro das fotografias antigas e dos porta-retratos empoeirados com a poeira de um tempo que não se esqueceu...

Acorda menina! Vem sentir as texturas dos crochês e rendas bordadas por sua mãe. Da boneca feita de retalhos, costuradas com amor e afeto em um lugar que não se esqueceu...

Acorda menina! Vem sentir o cheiro do café forte preparado por seu pai. Do sabor do pão quentinho, balas, chocolates, do amargo e doce sempre as mãos de memórias que não se esqueceu...

Acorda menina! Vem ouvir o boa noite de seu irmão, depois de muito insistir para que você conte histórias para ele dormir...

Acorda menina! Vem ouvir o canto dos periquitos, canários, calopsitas e do papagaio que canta e reconta a voz de alguém que não se esqueceu...

Acorda menina! Veja as flores, o colorido, os tesouros guardados em cada canto que soa e ecoa notas de afeto de um lar que não vai se esquecer...

Acorda menina! Veja a janela à sua frente. O que você vê? Luzes, muitas luzes... Histórias que moram em tantas janelas, janelas da alma de uma menina chamada Infância, de lembranças que não se esqueceu...[2]

[2] Poesia autoral escrita em uma noite após observar a casa dos meus pais, a partir de um exercício da Letícia Liesenfeld sobre as texturas e materiais que revelam nossa prática como contadora de histórias.

As narrativas da minha infância sempre tiveram um lugar muito especial na minha vida e em meu fazer artístico. A infância é um modo de estar no mundo, um sentimento que carregamos de 0 a cem anos, lugar precioso em que as minúcias nos encantam, como se víssemos tudo pela primeira vez. Quando estou ao lado da minha menina Infância, tenho a oportunidade de me deixar encantar com o olhar doce e sensível das crianças para as coisas mais simples da vida, e tornar o cotidiano, um lugar para o extraordinário, para abraçar a menina que fui e que desejo continuar sendo.

Assim, a infância é um estado de alma, um sentimento que carregamos por toda vida, uma construção social e histórica que garante que as crianças vivenciem a plenitude de serem crianças, por conseguinte me permitiu viver momentos valiosos e de estar por inteira na construção com o fio da alegria da vida. E nesse lugar descobri onde mora a artista, uma artista que revela em seu fazer artístico a potência de ser criança, marcada por memórias de minha meninice, dos crochês preparados pelas mãos de minha mãe Marinalva, que com uma agulha e linha, fazia vestidos, lindos figurinos e bonecas para brincar. Da música e roda de versos que ouvia minha mãe entoar e recordar dos seus tempos de menina. Das fitas, flores, porta-retratos, do colorido e afeto em cada canto da casa. De retalhos, muito retalhos! Costurados um a um, formando a trama da vida feita de muitas histórias.

Para Bachelard (2009), o processo criativo de um poeta é semelhante ao modo de ser e estar no mundo de uma criança. Logo, ampliando para outras linguagens artísticas, podemos dizer que o encontro entre a criança e o artista da palavra revelam o estado de prontidão para a vida, o brincar com a fantasia e a realidade, a sensibilidade e encantamento do olhar que torna tudo fabuloso, a liberdade para sonhar e alçar voos entre o racional e a imaginação. Diante disso, para o autor, ao sonhar com a infância, retornamos à morada dos devaneios que nos abriram o mundo. Logo, todo sonhador tem uma criança dentro de si, uma criança que devaneia e brinca de forma transformadora.

Assim, o artista ao estar imerso em seu processo criativo também mergulha em suas memórias de criança.

> Se há um domínio em que a distinção se torna difícil, é o domínio das recordações da infância, o domínio das imagens amadas, guardadas

> desde a infância na memória. Essas lembranças que vivem pela imagem, tornam-se, em certas horas de nossa vida, particularmente no tempo da idade apaziguada, a origem e a matéria de um devaneio bastante complexo: a memória sonha, o devaneio lembra. Quando esse devaneio da lembrança se torna o germe de uma obra poética, o complexo de memória e imaginação se adensa, há ações múltiplas e recíprocas que enganam a sinceridade do poeta. Mais exatamente, as lembranças da infância feliz são ditas com uma sinceridade de poeta. Ininterruptamente a imaginação reanima a memória, ilustra a memória. (BACHELARD, 2009, p. 20)

Contudo, a memória de infância nos conecta com a criança que fomos, isso nos permite buscar nossas raízes, e a arte, como a narração de história, nos ajuda a reencontrar em nós essa infância viva, eterna e imutável.

ONDE PISAM OS MEUS PÉS?

LAÍS,

Lá...

Vem a menina,

pés descalços,

mãos no coração.

Lá ia...

Lia as estrelas nos olhos da menina,

as borboletas em seus longos cabelos

a rodopiava,

gargalhava uma risada doce e alegre

como quem corre de olhos fechados

sem medo,

sentindo apenas o vento que sopra

e a desequilibra de si mesma.

Ai...

Eu li nos olhos da menina

a vontade de tocar na lua

Sentir seu rosto redondo,

branquinho e macio.

Lá ia...

Saltitando,

cantarolando Sol , Lá, Si.

Chutando as pedras que apareciam em seu caminho,

fazendo delas linda morada,

lisa de mágoas e ressentimentos.

Ia...

Carregada de amor e fé,

do sal da lágrima de quem

desbrava o mundo e se aventura

a ver a vida

com os olhos encantados

de uma CRIANÇA.[3]

[3] Poesia autoral escrita a partir do exercício de apresentação, logo no início da pós-graduação.

2. O ENCONTRO COM (MINHA) CRIANÇA

Como educadora da infância, atuando como professora de Educação Infantil na rede municipal de São Paulo, descobri a potência de ser CRIANÇA. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010), em consonância com o que acredito, a criança é considerada como:

> Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p.12).

Tal concepção é extremamente importante para compreendermos a dimensão que enxergo a criança e acredito na semelhança que há com a figura do ARTISTA. Ambos enxergam o mundo com a linha inteira da vida, possuem um olhar sensível e curioso para tudo e todos, exploram diferentes linguagens e, por meio do brincar, descobrem a si mesmos, ao outro e ao mundo.

Huizinga (2010) definia o homem como Homo ludens, sendo assim, faz parte da natureza humana o impulso lúdico. Logo, cada vez mais que me aproximo do meu eu lírico, da artista da palavra que me tornei, vejo a menina Infância ao meu lado, o olhar de encantamento, da imaginação, da inventividade, da palavra e do corpo como brinquedo, do brincar como linguagem que viabiliza a arte de contar e ouvir histórias.

Para Velasco (2018) o brincar é o elo que aproxima a cultura da infância com a narração de histórias. Contar e ouvir histórias são formas de brincar.

> A palavra “brincar” deriva da raiz latina vinculare. Brincar cria vínculos. Brincando a criança estabelece pontes de sentido em direção a si mesmo e ao seu entorno. Contando e ouvindo histórias também. Muitas vezes, os contos são tratados apenas como histórias para divertir ou distrair, mas considerados em sua profundidade, eles se revelam espelhos da experiência humana (VELASCO, 2018, p. 75)

Diante disso, ser criança e artista é uma afirmação da vida! E como afirmação da vida, tenho a possibilidade de brincar com as palavras, com meu corpo e vozes. É brincar de ser criança, na sua potência de criar e imaginar! É o transbordar de mim mesma em cada conto narrado!

De acordo com Gomes (2017), o ato de contar histórias e o brincar fazem parte do nosso repertório de infância e a construção de uma memória afetiva. E por que valorizar o lúdico durante a contação? A mesma autora relata que ao brincar renovamos as palavras, ou seja, o contador resgata a brincadeira das palavras:

> Brincar não é apenas o ato ingênuo que os adultos acreditam sobreviver nas crianças, são os adultos que se tornam ingênuos não percebendo toda carga social e cultural que existem nos contextos das brincadeiras infantis. (GOMES, 2017, p. 45)

Dessa forma, o contador ao resgatar suas memórias afetivas busca encontrar a si mesmo, e no ouvinte a identificação, o encantamento, a confiança que se estabelece. Por conseguinte, promove o resgate da memória do outro, suas lembranças de infância, sua conexão com o imaginário e suas emoções.

SER CRIANÇA...

Criança é batuque

Pés descalços no chão

Correr, pular, voar.

Abrir os braços

Sem medo de conhecer o mundo

Cientista por natureza

Olhar curioso

Mente rápida

Corpo inquieto

Aprende dançando, valsando na ponta dos pés

Olha, vem sentir o cheiro de terra molhada

Veja as nuvens como são feitas de algodão

E frio na barriga

Com medo de bicho papão

Risadas, choro, birra

Tudo é tão grande

Mas grande é a vontade de ter tudo nas mãos

Princesas e príncipes

Reis e rainhas

Monstros e gigantes

Fadas e bruxas

Era uma vez

Tudo outra vez

Num passe de mágica

Caixa de papelão vira um dragão

Tecidos um longo vestido

Palito um picolé favorito

Se sujar de lama

Rolar na grama

Se melecar de tinta

Lambuzar de chocolate

Lamber os dedos com doces de cobertura

Criança é liberdade

Não mordaça

Não é "vir a ser"

É hoje, agora!

Protagonista da sua própria história

Brincar

Desafiar o tempo e o espaço

Amar

Ver a beleza

nas coisas simples da vida

Criar e Reinventar

Tudo é poesia!

Tudo é movimento!

Ser criança

Sou Criança

Eterna criança.[4]

[4] Poesia autoral escrita a partir do meu olhar sobre a concepção de criança, vivenciada nas aulas da pós graduação em Linguagens da Infância que realizei no Centro Universitário Ítalo brasileiro.

3. O ENCONTRO COM (MINHA) INFÂNCIA

CORES E SABORES DA INFÂNCIA

Infância...

Cheia de cores e sabores!

Ainda sinto o gosto do leite quente com chocolate na boca para dormir.

Lembro da cor do Sol estralando a janela logo de manhã,

e os gritos da minha mãe:

- Acorda para ir para a escola menina!

E aos domingos o grito se transformava em linda canção,

"Acorda Maria Bonita, Acorda pra fazer café..."

Os gritos eram dos amigos no portão de casa:

- Bora brincar?!

Pega-pega, esconde-esconde, polícia e ladrão,

rouba- bandeira, pular corda, amarelinha.

No céu um azul infinito com nuvens fofinhas

que mais pareciam elefantes, gatos e sapatos.

Infância...

Cheia de cores e sabores!

Do gosto amargo da vitamina para crescer,

depois da mãe muito insistir

aos berros na janela:

- Entra para comer menina!

Num passe de mágica,

prato raspado!

1, 2, 3 tudo começava outra vez!

Pega-pega, esconde-esconde, polícia e ladrão,

rouba- bandeira, pular corda, amarelinha.

Infância...

Cheia de cores e sabores!

Do gosto do chiclete de tutti-frutti

da vendinha do Sr. Duda.

Com uma moeda na mão

o baleiro colorido girava feito um carrossel,

E o dedo de longe apontava tudo que o olhar de uma criança podia alcançar.

No céu o sol já se punha,

a bicicleta cambaleava para lá e pra cá,

mas o gosto da liberdade me fazia equilibrista.

O tombo, joelho ralado, o gosto do sangue do machucado

o choro do merthiolate, nada era maior que a vontade

de ser pássaro.

Infância...

Cheia de cores e sabores!

Dos pés sujos

da cor preta do chinelo depois de muito brincar,

De minha mãe gritando já na frente de casa com a cinta na mão:

- Entra para tomar banho menina!

E eu como foguete atravessava as estrelas que já cobriam o céu.

Chegava em meu porto seguro,

banho tomado, barriga cheia, cochilo no sofá.

Debruçava a cabeça nas pernas de minha mãe

que costurava lindos vestidos de crochê para minhas bonecas.

Infância...

Cheia de cores e sabores!

Do bença mãe, bença pai.

De contar histórias para meu irmão dormir.

De sonhar com os anjos,

acordar e repetir tudo outra vez! [5]

De acordo com Rego (2013), atualmente muitos estudiosos tentam compreender a infância como uma construção social e histórica, ao invés de uma visão vinculada à imaturidade biológica. No entanto, ao longo do processo histórico da humanidade os conceitos de infância e criança passaram por inúmeras mudanças.

[5] Poesia autoral criada a partir de lembranças dos meus tempos de criança, em contato com tecidos, estampas, bonecas e crochês feitos por minha mãe.

Segundo Ariès (1981), a infância não existia na sociedade medieval. Logo, se limitava a um período de transição e as crianças eram consideradas adultos em miniaturas. Assim, as crianças não tinham muita importância, já que, nessa época o índice de mortalidade infantil era muito alto e quando sobreviviam, por volta dos sete anos de idade já eram ingressadas no mundo do trabalho e nos afazeres de adultos. Apesar de assumirem papéis sociais semelhantes aos adultos, até o século XVII não eram ouvidas e nem protagonistas das suas próprias histórias.

O referido autor (1981) relata que o sentimento de infância começou a surgir a partir do século XVII, quando as crianças passaram a ser vistas como seres lúdicos, inocentes e graciosos, no meio familiar, que alegrava e distraía os adultos. Essa fase define-se como “paparicação”. Após esse período, observa-se uma necessidade de formação moral, por meio de uma educação feita pelo adulto. Logo, a infância passa a ser considerada uma etapa da vida com cuidados especiais que restringe a participação das crianças da vida adulta. Com isso, a educação surge como um meio para disciplinar, controlar e moldar as crianças com bons hábitos e costumes vigentes na sociedade.

Diante disso, com o surgimento do sentimento de infância, Carneiro e Dodge (2007, p.25) esclarecem que:

> Logo, se por um lado a ideia de criança significava a de um ser de pouca idade sobre o qual se ignoravam as condições sociais de vida, por outro o conceito de infância, termo também de origem latina – infans-infantis – que indicava aquele que não fala, está associada hoje à questão cultural, ou seja, implica o lugar que a criança ocupa na sociedade.

Tal afirmação vai de encontro às ideias de Kosminsky (2010), que relata uma perspectiva atual da infância, considerando-a como uma construção social e histórica. Dessa forma, as crianças também são detentoras do saber, por conseguinte têm uma compreensão delas próprias, de acordo com a sociedade em que vivem. Com base nisso, o autor supracitado afirma que:

> A infância não é um fenômeno natural e a descendência humana não é automática. A infância como um fenômeno social ocorre dentro de um ordenamento contínuo de gerações. As estruturas de gerações são então compostas de categorias de geração, a infância e a vida adulta,

> ligadas por uma interdependência recíproca e através de relações de poder, envolvidas por processos sociais (KOSMINSKY, 2010, p. 128).

Logo, segundo o autor, a criança é parte integrante do contexto social, cultural, econômico e político que vive, portanto, é preciso repensar O SEU LUGAR NO MUNDO.

Quando criança, sempre fui uma menina muito calada. Não era de falar muito. Os adultos sempre me cobravam “Fala Laís, fala!”, mas talvez por insegurança ou por simplesmente não querer falar mesmo, não falava. No entanto, apesar de apresentar muita timidez para me expressar verbalmente, conseguia me comunicar com o corpo. Meu corpo falava! O olhar curioso para tudo e todos me levavam para o universo do imaginar, me expressar por meio do BRINCAR e com isso compor meus silêncios. Como dizia Manoel de Barros, conhecido como o “poeta das infâncias”, em sua poesia “**O apanhador de desperdícios”**:

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios (BARROS, 2006, p.73-74).

“Só uso a palavra para compor meus silêncios”, a potência do verso me faz refletir o quanto na minha infância eu utilizei do BRINCAR e da ARTE para descobrir o meu lugar no mundo. Apesar de contraditório, por ser muito tímida, ousava dizer desde pequenina que queria ser artista. Minha mãe, por sua vez,

vendo a menina quieta e inquieta para o mundo, me matriculou em um curso de dança e teatro, “Quem sabe deixa de ser tabaroa menina!”, dizia ela, mulher nordestina, que apesar de não ter estudado muito cobrava que seus filhos estudassem bastante, e tivessem todas as oportunidades que ela não teve.

Assim, com a dança, meu corpo brincante se permitiu movimentar-se, improvisar, perceber seu lugar no espaço e no outro, e a potência que tinha como forma de expressão. Com o teatro, lembro a primeira vez que entrei em cena, ou melhor, que não entrei. Uma improvisação, que não conseguia dizer uma só palavra. De novo, a PALAVRA! Precisava falar! Mas dessa vez não por que me cobravam falar, mas agora podia dizer o que quisesse dizer.

Em outra ocasião, em um exercício de criação de um monólogo, me permiti a criar e a ser por inteira. A primeira vez que realmente entrei em cena, descobri meu LUGAR NO MUNDO. Cativar os risos, o olhar, as palmas, sentir que tinha importância o que dizia, me fez enxergar a importância também da palavra e do encontro com o outro. E desde aquele dia, eu não parei mais. Descobri o poder da arte como um lugar para viver momentos genuínos, onde o metafórico e o concreto caminhavam juntos, e nesse universo imaginário podia me expressar como se estivesse brincando. Dessa forma, o encontro com a arte e suas linguagens me permitiu, não só sentir e pertencer ao mundo, mas reinventá-lo. Tal sentimento vai de encontro ao que Noguera diz sobre a infância:

> A infância é a emergência de um acontecimento que interrompe o fluxo das coisas, suscitando algo, ao mesmo tempo, ímpar e banal. Ímpar porque cada momento é único e extraordinário, e, banal porque tudo que acontece é ordinário e comum. Infância nos convida a reinventar o mundo (2019, p.131).

Diante disso, as infâncias e suas expressões culturais são grandes fontes de inspirações, por meio da dança, do teatro, da música, das histórias, e principalmente, do brincar pude descobrir a vez e voz das crianças, e por conseguinte o meu desejo de ser artista.

Segundo Friedmann (2020, p.39), “o protagonismo é exercido espontaneamente pelas crianças, a partir das possibilidades e oportunidades de

elas usufruírem de tempos e espaços para se expressarem e se colocarem no mundo". Logo, quando criança, compreendi por meio da arte o que era ser protagonista da minha própria vida, ganhar autonomia e liberdade para criar e sonhar. Foi assim que fui crescendo, sonhei e fui buscando ser múltiplas versões de mim mesma: a Laís se formou como bailarina clássica, como atriz, ousou cantar e aprender a tocar um instrumento - sua paixão, o pandeiro. Depois quis ir além dos palcos, se tornou arte-educadora, a fim de multiplicar tudo o que aprendeu, e vendo a importância da educação em sua vida e das crianças, se tornou pedagoga e quis fazer a diferença na educação pública. Agora, encontrou na arte de contar histórias, o ofício de ser todas as suas versões ao mesmo tempo. E foi assim que, outra vez, encontrei o MEU LUGAR NO MUNDO, contando histórias. E como disse Giuliano Tierno, em uma de suas aulas, citando Walter Benjamin: "O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo"(BENJAMIN, 1994, p.221), e assim desde que me tornei narradora venho na constante busca da minha identidade e deste meu lugar no mundo.

4. O ENCONTRO COM A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

"O CONTO QUE ME CONTA"

O conto que me conta

revela as riquezas da alma,

as fragilidades da vida,

a doçura e vontade de viver!

O conto que me conta

desperta as emoções mais profundas,

memórias jamais esquecidas,

a liberdade e esperança

que dias melhores estão por vir...

O conto que me conta
transforma-me em criança
de olhar doce e encantado
sobre as miudezas do cotidiano.
Acorda a menina que um dia fui,
e hoje me faz imaginar,
crer em tudo que posso ser
e brincar de fazer acontecer!

O conto que me conta
transborda amor,
partilha alegria
e multiplica fé!

O conto que me conta
é linda canção,
paisagem sagrada
permeada pelo poder
da palavra e da escuta
que vem do coração!

O conto que me conta

fez encontrar a chave dourada da alma,

abrir o baú que há em meu peito

e descobrir os tesouros

que há em mim e no outro.

O conto que me conta

me fez pássaro encantado

que anseia por liberdade!

Voa, dança com o vento!

Canta o canto mais doce

pousa no coração das pessoas

e faz linda morada.

O conto que me conta

fortalece o poder da palavra.

Palavra que aproxima,

Palavra que acolhe,

Palavra que evoca nossos ancestrais,

Palavra como ritual da vida,

porto seguro das narrativas

que possibilitam esse encontro:

"O conto que me conta!"[6]

[6] Poesia autoral escrita a partir dos encontros com Tininha Calazans, no curso "O conto que me conta", realizado pela biblioteca Hans Christian Andersen.

Na graduação em Pedagogia, descobri a arte de contar histórias, por meio de uma fada madrinha, Ivani Magalhães, contadora de histórias e professora na área de educação. Com ela, descobri essa arte ancestral e as possibilidades que podia trazer ao unir tudo que já fazia. Desde então venho buscando me aprofundar e investir em minha formação como contadora de histórias. Muitas mestras me constituem como narradora, Ana Luiza Lacombe, Kelly Orasi, Simone Grande, Andrea Souza, Cristiane Velasco, Tininha Calazans, Célia Gomes, e tantos outros da pós em Narração de Histórias na Casa Tombada. Com cada uma delas, pude mergulhar dentro de mim mesma, e conforme Machado (2015) buscar responder o que quero, o que pretendo, o que me leva acreditar na importância de contar histórias? Por que gosto de contar histórias?

A autora supracitada esclarece que:

> A resposta a essa pergunta não existe pronta, não pode ser ensinada, não é uma “frase feita”. Como em qualquer experiência verdadeiramente humana, é fruto de um caminho de aprendizagem e constitui aos poucos a substância de uma pessoa, digamos, como um arcabouço permanentemente que se adapta a cada momento e a acompanha em suas escolhas através da vida (MACHADO, 2025, p. 100).

Logo, pude confirmar no decorrer do curso que essas perguntas vão sendo respondidas aos poucos, ao longo da experiência de contar e são determinantes na minha intenção que transparece na ação enquanto está narrando. Dessa forma, orienta minhas escolhas, meu repertório, a preparação, os recursos internos e externos que tenho a oferecer. A autora propõe que, com cada história narrada, é preciso interrogar o conto: o que você tem para mim e o que tenho para você?

Diante disso, ao revisitar meu mapa afetivo de repertório, exercício proposto por Giuliano Tierno logo no início do curso, encontro com palavras como: cultura da infância, brincadeiras, poesia, ser criança, ancestralidade, cantos e contos populares, pandeiro… palavras que vão de encontro a tudo que escrevo até aqui e que já revelavam minha identidade enquanto contadora de histórias.

Em outro momento, a partir da leitura do livro “A renovação do conto: emergência de uma prática oral”, de Maria de Lourdes Patrini e das discussões com o meu grupo de estudos, muitos questionamentos surgiram que costuram a trama do meu fazer como contadora de histórias. As palavras de Patrini me fizeram revisitar a minha própria trajetória como artista da palavra.

Como me tornei contadora de histórias? Qual minha identidade? O meu papel social? Sou uma educadora-contadora-de-histórias ou uma contadora-educadora?

Patrini (2005), por meio de uma profunda pesquisa, a partir de entrevistas e a observação da performance de vários contadores de histórias franceses, analisa o fenômeno do ressurgimento do conto e do contador de histórias urbano. Logo, o caminho que vai percorrendo desde o movimento de tomada da palavra na França em 1968, evidencia que a figura do novo contador surge a partir de diversas manifestações de reivindicações sociais a favor da democracia. Sobre isso a autora relata que:

> Com a tomada da palavra, um fenômeno de reabilitação do conto oral e da prática de sua transmissão renascia nas sociedades. Os contadores pareciam ter encontrado, naquele momento, um terreno fértil para dar força à sua voz, à renovação do conto oral e à recriação de suas novas expressões de transmissão. Maio de 1968 nos trouxe dados sobre uma geração que realizou uma inovação formidável e cujos esforços estão ainda presentes na vida das sociedades (PATRINI, 2005, p.37-38).

Portanto, em tempos atuais à vista da política de ódio que vivemos, do consumismo desenfreado, da exposição excessiva das telas, do racismo, misoginia, xenofobia, e tantas outras discriminações ganhando força, a emergência do conto, da prática do dizer e contar histórias torna-se cada vez mais importante, devido sua potência como linguagem artística que tem o poder de aproximar e conectar as pessoas, evocar nossos ancestrais e seus ensinamentos, promover o encontro consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Valorizar a palavra e a escuta, capacidades tão preciosas do ser humano. Além de ser um ato de amor, de acolhimento e transformação. Contar e ouvir histórias é sensibilizar o ouvinte, estimular seu imaginário e despertar o gosto pela leitura. É levar as histórias de boca, passadas de geração em

geração, adiante! E com elas, levar emoção, alegrias e provocações para quem escuta.

Logo, lembro-me o quanto a linguagem da narração de histórias me atravessou enquanto ser humano que acredita no quanto a arte pode ser transformadora. Em minha trajetória profissional, ao entrar na área da educação como pedagoga, acabei me distanciando dos palcos como atriz e bailarina. Por conseguinte, tornar-me contadora de histórias foi um refúgio para continuar conectada com minha essência como artista e brincante, que acredita assim como o poeta Solano Trindade (1961), que é preciso devolver ao povo em forma de arte. Digo, sempre acreditei que meu papel como artista é de fazer com que as pessoas se defrontem com elas mesmas como sujeitos produtores de cultura e de sentido para o mundo.

Sobre isso, Almeida (2015) nos esclarece que:

> Professores e artistas têm um papel fundamental na Trans-Formação. Arte, educação e cultura são conceitos que definem a busca do ser humano por um conhecimento voltado para apropriação dele mesmo, ou seja, do que ele é e do que pode fazer (ALMEIDA, p. 6-7, 20015).

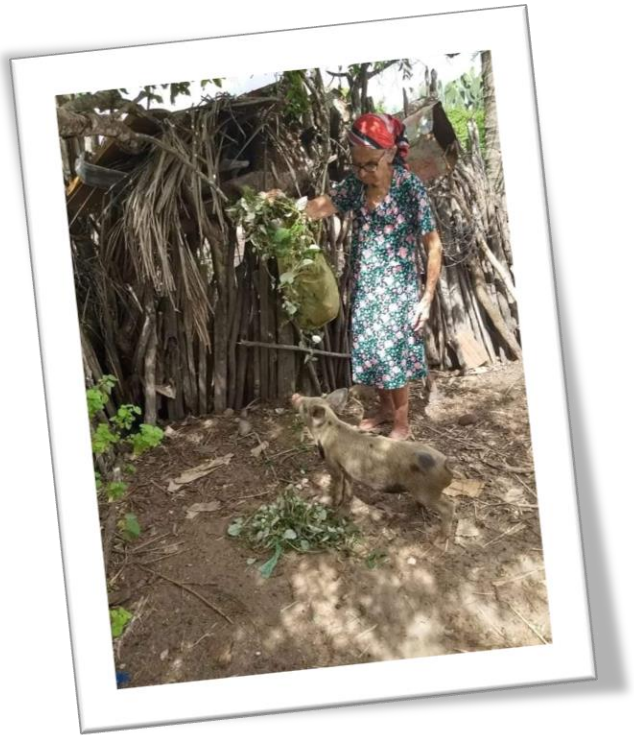
Dessa forma, a arte de contar histórias foi meu através, pois por meio dela pude encontrar o meu lugar de fala, abraçar todas as linguagens que fazem parte da minha essência, o corpo, a música, o brincar e a palavra. E essa, a palavra, foi o estado de força que encontrei para tecer meus pensamentos. Ao me tornar contadora de histórias tem sido uma constante busca: *como compor meus silêncios? Revelar a minha identidade?*

Segundo Patrini (2005), o papel social do contador está ligado à construção de sua identidade. O que você tem a dizer? Tal pergunta me faz lembrar a motivação de realizar a pós em Narração Artística, uma vez que tem sido uma constante busca conhecer a mim mesma. E nessa busca, minhas memórias de infância me atravessam e, como uma mágica, as histórias sempre chegam até mim pedindo para serem contadas.

Por conseguinte, ao abraçar uma história que desejo contar, geralmente em meu repertório costumo buscar contos de tradição oral ou de livros da literatura para infância, costumo ler várias vezes o mesmo conto, buscar suas

diferentes variações, referências e ouvir distintos modos de contar. Com isso, buscar o meu próprio modo de narrar, a partir do meu repertório de vida também. Dessa maneira, refletindo o que aquele conto tem sobre mim, quais músicas ela me convida a contar, quais brinquedos cantados da cultura da infância, ou possibilidades de objetos e adereços permite utilizar, por exemplo. Neste encontro, transformo a história em uma possibilidade para brincar e valorizar minha ancestralidade.

Assim, aconteceu com o processo de criação do pharmakon, remédio para a lembrança, vivenciado com a Sandra Lessa. A história de vida da minha avó materna, dona Margarida, chegou até mim pedindo para ser contada. No primeiro momento ela chegou por meio de uma história acumulativa de origem inglesa "A velha e o porco", logo depois vieram as memórias de minha avó que adorava criar porcos, no terreiro de sua casa no sertão da Bahia. Em minha memória, de uma das viagens que fomos visitá-la, podia ainda sentir o cheiro da lama, a textura da pele do porco quando passava a mão, minha avó com seus passos lentos e coluna curva cansada da vida indo levar alimento para o seu porquinho, dos gritos do porco quando ela mandou castrá-lo... Eu não sabia ao certo porque uma história tão simples me chamou tanta atenção para ser contada, só depois de visitar minhas memórias, de perceber o que aquele conto tinha de mim mesma, que percebi o chamado de minha avó.



No processo de criação da narração dessa história, tive orientação da mestra Ana Luiza Lacombe em um coletivo de contadores de histórias organizado por ela, chamado Ateliê de Histórias. Na preparação da narração reuni canções de trabalho, recolhidas por minha mãe, que minha avó cantava, escrevi um prólogo contando um pouco da história de minha avó, e aqui senti que tinha que ir além. Era uma homenagem que podia fazer para ela.

Infelizmente, pouco tempo depois, minha avó Margarida faleceu, não pude contar pessoalmente a história que preparei para ela. Mas em seu leito de morte, muito debilitada, minha voz chegou em forma de canção, ela pode me escutar por meio da gravação de um áudio que enviei para minha mãe. Não pude estar presente, mas de alguma forma me fiz presente, e prometi que sua história não seria esquecida.

Posteriormente, ao vivenciar o processo do pharmakon, Sandra Lessa disse uma frase que não saiu da minha cabeça: *"O contrário da vida não é a morte, é o esquecimento!"*. Logo, não pude contar outra história, a não ser a dela, minha avó Dona Pequena.

"Oh siriri, oh meu bem, oh sirirá

Roubaram o meu amor

E me deixaram sem amar

Eu agora arranjei outro

Quero ver quem vai tomar

Menino dos olhos pretos

Sobrancelha de veludo

Se você é pobrezinho

Mais seus olhos valem tudo

Oh siriri, Olê me dá.

Me dá o que pedi

Me dá galho de rosa

Que eu quero me diverti

Oh siriri..." (canção de domínio público)

Assim cantava minha avó, que em forma de passarinho, voou, fez seu ninho em meu coração, pousou no meu ombro e cantou bem baixinho: que o contrário da vida não é a morte, é o esquecimento! É o esquecimento! Por isso hoje não quero te esquecer Vó! Quero te tornar viva em memórias, em palavras, MINHAS PALAVRAS!

Margarida Barbosa da Silva, *sábia senhora que se tornou encantada aos seus 94 anos, vividos e sentidos. Rosto bem marcado com as linhas que o tempo deixou. Cabelo branquinho da cor do véu da virgem Maria. Mãe de toda gente, como ela dizia, de sua santa protetora. Tem o nome de flor, dona Margarida. Mas ai de quem a chamasse assim, gostava mesmo era de ser chamada de pequena, Dona Pequena. De flores só gostava mesmo é a dos seus vestidos e dos lenços que escondiam seus cabelos. Pequena no tamanho, mas imensa de coragem e força.*

Mãe de 13 filhos! 2 Deus levou! Em seu ventre vingaram dez, 5 homens e 5 mulheres, mas 1 foi em seu coração. Onde comem 10, comem 11. Seu coração era gigante, mas coberto de espinhos. Espinhos que a dureza da vida no sertão trouxe. Mulher séria, de poucas palavras, brava, que não gostava de gracinhas. Mas quem conseguia passar pelos espinhos e chegar no seu coração tinha seu respeito e admiração.

Passos lentos e fincados no chão. Ir buscar as folhas de Pindoba, esperar secar, estalar os fios da palha, juntar a trama, trançar e costurar. Mãos ágeis e espertas que

de cócoras passava horas tecendo chapéus e lindas esteiras de palha que presenteava a quem amava.

Dedicou toda sua vida para a família e esposo, para ele fez os mais belos chapéus, esteve ao seu lado até o último suspiro. Inácio, meu avô, senhor de muitas palavras, contador de causos, riso fácil, galanteador.. Cabra valente que não aceitava tempo ruim! Juntos, aprenderam a viver com muito pouco, e desse pouco dividiram cada metade e fizeram muito! Fizeram muito aqui na terra, até que seu amado virou anjo! Cuidou por um tempo de sua pequena lá do céu! Mas a saudade era tanto, tanto! Que tempos depois sua Pequena ouviu seu chamado! E foi ser tornar encantada junto de seu amor lá no céu.

Eu canto sua história como forma de oração, a todas as mulheres que vieram antes e depois da senhora vó. Canto

para minha mãe Marinalva, que meu deu o seu maior presente, o milagre da vida, e me embalava em seus braços com o canto que aprendeu contigo ... e hoje canto para a senhora!

"Mãezinha do céu, eu não sei rezar

Eu só sei dizer: Eu quero te amar

Azul é seu manto, branco é seu véu

Mãezinha eu quero te ver lá no céu

Mãezinha eu quero te ver lá no céu"

5. DESPEDIDA

“Eu já estou de retirada,
É madrugada,
Dou lembranças aos senhores.
Sinto uma dor,
Dono da casa,

Até para o ano s'eu vivo for.

Adeus, boa sorte para todos,
Eu já me vou,
Já vou me retirar.

Tenho saudades dessa noite tão bonita,
E meu coração palpita
Que eu não posso tolerar.”

(Despedida, canção de Antônio Nóbrega)

Este trabalho tem como finalidade refletir como minhas memórias de infância, meu olhar sobre a criança e a sua relação com o brincar atravessam meu processo criativo como contadora de histórias.

Assim, por meio de textos autorais e o referencial teórico podemos evidenciar a potência de ser criança, e a perspectiva da infância não como uma etapa preparatória para a vida adulta, mas como um sentimento existente em todos nós, independentemente da idade.

Logo, a infância se transforma em fenômeno, em lugar, em um arco de tesouros que carrega meu olhar para o extraordinário do mundo, para as miudezas do cotidiano, onde posso fechar meus olhos e me conectar com os sons, cheiros e texturas das minhas histórias. Histórias vividas, outras sonhadas. Mas carregadas de memórias afetivas, que me guiam e conectam com cantigas, brincadeiras, com a palavra feito um brinquedo que nos acolhe e reconhece em cada conto narrado.

Diante disso, de acordo com o problema de pesquisa, vimos que despertar a criança que há na alma do contador de histórias torna a história uma experiência, um encontro consigo mesmo e seu repertório de vida.

Dessa forma, consigo ouvir o ritmo da história, a música que ela pede para ser cantada, o corpo, os timbres da voz, a paisagem que mora. E nesse processo vou tecendo meu modo de fazer e narrar histórias, vou compondo minha identidade que se revela por meio das minhas escolhas e o que desejo contar.

Logo, a presente pesquisa, o percurso vivido e sentido no curso de pós graduação em Narração Artística pela Casa Tombada, me fez aproximar ainda mais da minha identidade, a enxergar sentido em tudo que já fazia e buscar minha identidade como artista da palavra que encontra na Cultura da infância, nos contos tradicionais, nas cantigas populares e na poesia, o seu modo de partilhar histórias e fazer o seu ofício. A sua maneira de brincar e estar no mundo.

Contudo, essa pesquisa não termina aqui, mas sim se torna um ponto de partida para a constante construção de minha identidade, dos recursos internos e externos para se contar uma história. Todavia, isso não se trata de uma técnica para ser aprendida, mas de acordo Machado “É preciso arar e transformar sua terra em húmus, terra fértil. É ter paciência para nutrir, aguar e ficar ao sol para observar e aprender com o crescimento da planta” (2015, p.119). Junto com a autora, penso que só assim o contador poderá aprender mais sobre suas possibilidades e a arte de contar. Com confiança na sua potencialidade, confiança na história como um presente para si mesmo e para o outro.

Por fim, me despeço desse processo como pássaro que voa, e logo anseia voltar para o seu ninho! Voa pássaro, voa! Seu nome é saudade! Voa pássaro, voa! Mas volta! Seu coração pulsa com o encontro. Com a arte do encontro que é contar histórias!

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica.** Brasília: MEC, SEB, 2010.

BACHELARD, G. **A poética do devaneio** / Gaston Bachelard ; tradução Antonio de Pádua Danesi ; revisão da tradução. Alain Marcel Mouzat, Mário Laranjeira. - 3ª ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2009. – (Biblioteca do pensamento moderno). Capítulo III – Os devaneios voltados para a infância. P. 93 a 137.

BARROS, M. de. O apanhador de desperdícios in: **Antologia comentada da poesia brasileira do século, v.21**, p.73-74, 2006.

BENJAMIN, W. **O Narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARNEIRO, M.A. B; DODGE, J.J. **A descoberta do brincar**. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças:** escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020.

GOMES, L. O lugar do contador de histórias hoje. In:Tierno, G; Erdtmann, L, L. (Orgs.), **Narra-te Cidade : Pensamentos sobre a arte de contar histórias hoje**. São Paulo: A Casa Tombada, 2017. Cap. 1, p.37- 46.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: O jogo como elemento da Cultura**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

KOSMINSKY, E. V. Pesquisas com crianças e jovens: algumas reflexões teórico-metodológicas. In: Müller, F. (Org.), **Infância em perspectiva:** políticas, pesquisas e instituições. São Paulo: Cortez, 2010. Cap. 5, p. 110-39.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta.** 1.ed. São Paulo: Reviravolta, 2015.

NOGUERA, Renato. **O poder da infância:** espiritualidade e política em afroperspectiva. Momento: Diálogos em Educação, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./ abr., 2019.

REGO, T. C. Novas perspectivas para o estudo da infância. **Revista Educação - Especial Cultura e Sociologia da Infância**, São Paulo, p. 06-13, 2013.

TRINDADE, F. S. **Cantares ao meu povo**. 1°ed. São Paulo: Fulgor, 1961.

VELASCO, C. **Histórias de boca**: O conto tradicional na educação infantil. São Paulo: Panda Books, 2018.

APÊNDICE – DIÁRIO DE VIAGEM

"Seu canoeiro, venha me passar
Seu canoeiro, venha me passar
A maré tá cheia, eu não sei remar
Se o barco vira, eu não sei nadar
Seu canoeiro, venha me passar
Pra o outro lado de lá."
(Canção de trabalho, recolhida por Renata Mattar)

Tudo começou com um convite
Um pedido de meu pai
Para viajarmos juntos
Pai e filha.
A passagem nos levou
Para sua cidade natal
Glória de Goitá, Pernambuco.

Do outro lado de lá,
o chão de terra vermelha,
fértil e cheio de raízes
se fez tradição, arte e cultura.
Berço do Teatro de Mamulengos
Ao ouvir tantas histórias
do nosso povo,

fez ninar em mim a ESPERANÇA,

que a ancestralidade,

as tradições populares ainda pulsam

nos meninos, jovens e velhos.

Nas meninas, jovens e velhas!

Ali me vi menina

de mãos dadas com meu pai.

Encantada com tantas cores,

com as estampas das chitas,

os bonecos talhados a mão.

Com as canções,

o som da rabeca

que provocava risadas

e aplausos para os brincantes

e seu mestre,

que de bengala

caminhava bem devagar,

de um lado para o outro

a contemplar a próxima geração

semeando a tradição popular.

Do outro lado de lá,

meu coração bateu mais forte

ao som do Maracatu de Baque Solto.

Uma orquestra de percussão e sopros,

um desfile de trabalhadores rurais

Que com as mesmas mãos

que cortam cana e lavram a terra,

também bordam suas fantasias,

se transformam em Caboclos de lança,

Reis e rainhas,

Catirina e Mateus,

Índias e Iabás,

E tantos outros personagens

que levam no estandarte

a alegria e a memória.

Dedicando- se ao bem mais valioso

Que possuem:

a herança cultural.

Do outro lado de lá,

O encontro com minha FAMÍLIA.

Do vazio da casa que ficou

sem meus avós,

Mas que foi preenchida

por histórias, fotografias

E lembranças em cada canto.

Cheia de brincadeiras dos bisnetos

que correm e enfeitam o lugar.

Dos causos dos netos,

do AMOR que testemunharam

de nossos AVÓS.

Da comida fresquinha

de minha tia Cecília.

Do repetido abraço que meu pai

dava na irmã mais velha,

como quem sentia abraçar a mãe.

Do outro lado de lá,

Ao visitar a casa dos meus dez tios e tias

me reconheci em cada um deles,

sem mesmo conhecê-los antes.

Me vi, senti!

A alegria de receber.

Do doce sempre as mãos.

Dos rostos bem marcados

de tanto sol,

que demarca o tempo

de tudo que se viveu.

De fazer do seu ofício, a EDUCAÇÃO.

Me reconheci em muitas MULHERES,

Tias e primas,

Que são professoras, assim como EU.

Servidoras públicas, como eu.

Mulheres fortes,

sábias e mães,

assim como quero SER!

Do outro lado de lá,

o barco virou.

Me afoguei em mim mesma,

mergulhei profundo

em minhas origens.

Me vi em tantas VOZES,

GESTOS e CANÇÕES.

Reconheci minha trajetória

Nas histórias de minhas RAÍZES PATERNAS.

E no dia da despedida,

Me encontrei em cada abraço.

Ouvi bela canção,

"Adeus, boa sorte para todos,

Eu já me vou,

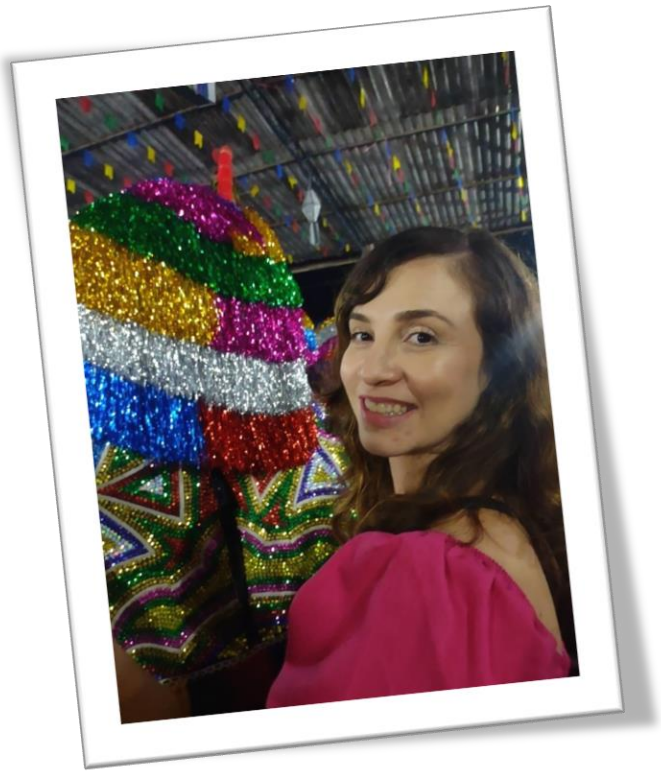
Já vou me retirar.

Tenho saudades dessa noite tão

bonita,

E meu coração palpita

Que eu não posso tolerar... ".



Percebi que ali

escrevia um novo capítulo

e processo de criação.

Nada melhor que a substância

da vida para nos

fazer enxergar o novo,

tudo de novo!

Do outro lado de lá![7]

[7] Texto autoral escrito após uma viagem de férias com meu pai, durante o processo de escrita desse TCC. O texto está incluído aqui como Apêndice porque a experiência desta viagem confirmou (ou reafirmou), no meu corpo e na minha vivência, muito do que descobri, refleti e escrevi ao longo da presente pesquisa e apontou caminhos futuros.